

# Reflexões sobre a eleição de George W. Bush

*Stanley Meisler\**

Hesito em participar da geral cacofonia sobre as eleições, mas tenho algumas reflexões a fazer. Estas não trazem qualquer sinete de objetividade. Não gosto do empertigado George W. Bush e não posso concebê-lo elevando-se em grandeza à moda Truman<sup>1</sup>

E se?...Tenho permanentemente acarinhado essa idéia... E se o governador Jeb Bush da Flórida e seu cabo eleitoral de saia, Katherine Harris, tivessem anunciado desde o começo que, em vista da apertada diferença da recontagem à máquina, eles tinham ordenado a contagem manual de todos os votos da Flórida? Não estariam agindo como partidários de Bush, mas como leais servidores do Estado. Talvez o vice-presidente Al Gore tivesse sido eleito. Talvez não. De qualquer modo, muitos de nós teríamos sentido de bem com a América..

É este meu devaneio muito despropositado e melodramático? É nossa visão sobre os políticos tão cínica a ponto de não podermos imaginar um semelhante ato? Talvez Gore se tivesse mostrado tão impiedoso quanto os Bushes. Mas gostaria de pensar que alguns políticos – talvez John McCain, talvez Bill Bradley, talvez Mario Cuomo – ter-se-iam comportado com honra. Sou um tolo em pensar dessa maneira?

Os republicanos se comportaram mal, de uma maneira perigosa e desprezível. Incessantemente combateram contra uma justa contagem. Desde o começo trovejaram que Gore era um perdedor queixoso (*sore loser*) e, pior, um usurpador, por exercitar seus direitos sobre as lei da Flórida para exigir recontagens à mão. Ele estaria ‘ferindo’ a América, advertiam, ao se recusar a aceitar a derrota. Ridicularizaram a contagem manual como inerentemente imprecisa e jamais oscilaram desta ultrajante linha. Com o

---

\* Jornalista norte-americano, exerceu por mais de 25 anos cargos na editoria do *The Los Angeles Times*. Texto traduzido por A. B. Sousa.

<sup>1</sup> Harry S. Truman, 33º presidente dos EUA, sucessor de Roosevelt em 1945. Embora seu legado político tenha muitos aspectos controversos, há esforços nos meios de comunicação para realçar sua memória. N.do T.

tempo, seus argumentos se petrificaram, intensificando-se o poder de seu veneno.

Consideravam qualquer descoberta de votos em favor de Gore como roubalheira. Induziram-se um estado de ânimo em que jamais poderiam aceitar Gore como presidente. Seu ódio tornou-se um irônico argumento em favor de Bush, pois somente a vitória deste, parecia, poderia garantir a paz. Não admitiam mudança de posição. Impunham que seu controle sobre o Legislativo da Flórida garantiria a vitória de Bush, não importando quantos votos as cortes da Flórida deferissem a Gore.

O veneno me afligiu. Já vira isto antes entre os republicanos. Fatos assim agitavam a vida política após a Segunda Guerra Mundial quando Joe McCarthy, Richard Nixon e outros acusavam os democratas de traição, subversão e fracasso em salvar a China. Certamente esse veneno reemergiu agora com o tratamento dado pela direita a Bill Clinton, tachando-o como ilegítimo, *white trash*. Essas explosões de ódio às vezes têm recorrência no passado (esta sendo a principal razão porque muitos jornalistas, eu inclusive, abrigávamos desprezo por Nixon) e podem reaparecer no presente.

A decisão da Suprema Corte dos EUA me entristeceu. Trabalhei no Sul para a Associated Press durante a crise que se seguiu à decisão da Corte quanto ao fim da segregação racial nas escolas públicas, e aos meus olhos Earl Warren<sup>2</sup> e seus aliados sempre me pareceram heróis. Durante anos, como correspondente para o *Los Angeles Times* no exterior, pacientemente expliquei aos outros a alma de um sistema que dava poder a uma corte independente para que protegesse os direitos dos indivíduos contra abusos por parte de burocratas e legisladores. Nem mesmo os franceses ou os britânicos tinham essa proteção.

Minha admiração era tão grande que eu acreditei até agora que mesmo uma corte conservadora aplicaria a razão e retos princípios a todas as questões trazidas diante dela sem favorecimentos. Mesmo quando não gostava de suas decisões, sempre assumia que seus retos princípios de justiça, mesmo diferentes, eram tão honestos quanto os meus.

Mas a lógica da decisão majoritária no caso da Flórida é tão tortuosa e mesquinha, que é difícil acreditar que nela estejam envolvidos quaisquer princípios. O arrazoado da corte importou menos que sua ação. Cinco juízes suspenderam a contagem de votos na Flórida para impedir – disseram – irreparáveis danos a Bush. Fizeram então crer que estavam abran-

---

<sup>2</sup> Earl Warren (1891 - 1974) presidiu a Suprema Corte no início da luta pelos direitos civis. É o autor da emenda que em 1954 pôs fim à segregação racial nas escolas públicas. N. do T.

dando um pouco as coisas, ao decretarem que uma diferente recontagem poderia ocorrer...se houvesse suficiente tempo mas, oh, que pena, insistiram – o tempo se tinha esgotado.

Os cinco juízes obviamente haviam decidido que Bush tinha que ganhar e racionalizaram sua opção em ‘legalês’. A decisão foi tão escancaradamente política, que os próprios juízes Anthony Scalia e Clarence Thomas a teriam recusado. Além do mais, eles se tinham tornado foco de atenção na campanha com Gore ridicularizando Bush por este ter dito que queria mais “juízes como esses”. Enquanto isso, o filho de Scalia trabalhava na firma de advocacia que elaborava o argumento que se levaria à corte em defesa de Bush, ao passo que a esposa de Thomas recebia currículos de conservadores que queriam trabalhar na administração Bush.

O desserviço de Ralph Nader é enfurecedor. Décadas passadas, quando eu e ele éramos colaboradores da revista *The Nation*, seu brilhante editor, Carey McWilliams, nos convidou para um encontro em Nova York a fim de discutirmos idéias para futuros artigos. Não havia estado com Nader antes e fiquei fascinado pela extensão de seu conhecimento sobre a política e a burocracia de Washington. A essa época eu aí era repórter, mas da sua posição superior em Connecticut, Nader conhecia muito mais que eu sobre as maquinações políticas da Capital. Poucos anos após estes eventos, quando era oficial do Corpo da Paz, propus que essa instituição o empregasse como consultor para seus programas. Ele nos agradeceu a oferta e declinou com polidez. Disse estar lançando um livro sobre automóveis na semana seguinte e pensava que promovê-lo o manteria muito ocupado, impedindo-o de aceitar outra tarefa. Esse livro – *Unsafe at any speed* – atraiu tanta atenção que transformou Nader numa instituição protetora do cidadão comum contra as grandes corporações e seus aliados do governo.

Durante muitos anos desde então, Nader tem demonstrado como um destemido forasteiro, desde que ‘cave’ fatos suficientes e os maneje sabiamente, pode forçar o sistema federal a trabalhar direito. Nader tornou-se um ícone da honestidade e operosidade não partidárias.

Mas o poder corrompe, mesmo quando é poder para o bem. Essa candidatura do Nader foi quixotesca, egomaniaca e destrutiva. Sem Nader, Gore teria vencido. Somente na Flórida, Nader teve 95.000 votos. Se apenas um de cinco desses eleitores tivesse votado em Gore, o vice-presidente teria levado a Flórida facilmente. A argumentação de Nader de que não vê diferença entre Bush e Gore é uma bazófia. Ninguém sabe mais que Nader que uma eleição presidencial nos traz mais que um presidente. Bush nomeará alguns milhares de novos agentes políticos e administradores e a

maioria, é certo, colocar-se-á contra tudo que Nader e seus verdes venham a querer.

Ultimamente tem havido uma porção de conversas de políticos e jornalistas sobre unidade nacional, reconciliação, fim das recriminações. Temos somente um presidente, eles insistem, e devemos nos unir atrás dele. Mas Bush será um presidente aleijado, com uma mancha sobre sua legitimidade. Isso não garante que seu lugar na história venha a ser mais distinto que o de Rutherford B. Hayes e Benjamin Harrison<sup>3</sup>. Mas ele tem muito a provar e o Congresso não precisa ficar intimidado por seu mandato. Este ele não o tem.

---

<sup>3</sup> Ambos eleitos em pleitos contestados. A presidência de Hayes (1877-81) foi disputada na caótica situação política do período da Reconstrução, com a contagem dos votos resultando indecisa em vários Estados (Carolina do Sul, Flórida, Luisiana). Uma comissão nomeada pelo Congresso deu a Hayes a vitória. Já a presidência de Benjamin Harrison (1889-93), se legitimada quanto aos critérios do Colégio Eleitoral, não convenceu a opinião pública, já que pela soma dos votos dos eleitores individuais, o vitorioso fora seu oponente Glover Cleveland. N. do T.